



FACULDADE DE PINDAMONHANGABA

Ana Paula dos Santos

Miriam Inácio da Silva

Natália Oliveira de Carvalho

**A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS**

**Pindamonhangaba-SP
2011**

Ana Paula dos Santos
Miriam Inácio da Silva
Natália Oliveira de Carvalho

**A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Orientadora: Profa. MS. Marina Buselli

Carvalho, Natália Oliveira de; Santos, Ana Paula dos; Silva, Miriam Inácio da.

A influência da música no processo de alfabetização de crianças nas séries iniciais / Ana Paula dos Santos; Miriam Inácio da Silva; Natália de Oliveira. - Pindamonhangaba-SP: FAPI – Faculdade de Pindamonhangaba, 2011.

46f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) FAPI-SP.

Orientadora: Profa. MS. Marina Buselli.

1 Música. 2 Alfabetização 3 Ensino-Aprendizagem I A influência da música no processo de alfabetização de crianças nas séries iniciais II Ana Paula dos Santos; Miriam Inácio da Silva; Natália de Oliveira.



**ANA PAULA DOS SANTOS
MIRIAM INÁCIO DA SILVA
NATÁLIA OLIVEIRA DE CARVALHO**

**A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS NAS SÉRIES INICIAIS**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Prof. _____ Faculdade de Pindamonhangaba

Assinatura: _____

Dedico esse trabalho aos meus queridos pais que sempre estiveram comigo. Às minhas maravilhosas amigas Miriam e Natália que tanto me ajudaram e a quem sou eternamente grata. Em especial ao meu esposo Anthero Augusto, por me incentivar, facilitar minha vida na graduação, cuidar de mim, enfim por me amar.

Amo vocês...

Ana Paula dos Santos

Dedico o presente trabalho às minhas amadas e inseparáveis amigas nesses quatro anos de curso, Ana Paula e Natália. Em especial aos meus pais Davi e Francisca, que sempre me apoiaram. Às minhas irmãs Mara, Flávia e Magali que me auxiliaram nesses quatro anos de estudo e aos meus cunhados Marcos e Marcelo, que sempre se preocuparam comigo. Aos meus sobrinhos João Gabriel, Ana Paula e Ana Lívia que são maravilhosos e, principalmente, ao meu maior tesouro, meu filho Kawan Lucas que é e sempre será minha inspiração a prosseguir.

Miriam Inácio da Silva

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por permitir a realização deste grande sonho. Em segundo lugar aos meus pais José e Ozenir, às minhas irmãs Mariana e Deborah, à minha sobrinha Manuela, que nesse último ano foi um remédio para as noites que eu chegava cansada e era recebida com um lindo sorriso. Mas, principalmente à minha mãe que desde o primeiro momento me apoiou e mesmo quando eu pensei que não ia conseguir, me levantou e mostrou-me como seguir em frente, sempre me mostrando seu imenso amor. Em terceiro lugar às minhas colegas de classe, que sem as quais acho que esse momento não teria o mesmo valor, em especial às minhas colegas e inesquecíveis amigas de grupo Miriam e Ana Paula que construíram esse projeto comigo. Em quarto e último lugar a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram a chegar até aqui.

Natália Oliveira de Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por nos permitir chegar até aqui.

Às nossas famílias que sempre nos apoiaram, incentivaram e nos amaram.

Aos nossos queridos Professores da Faculdade de Pindamonhangaba, por contribuírem tanto e tão genuinamente para nossa formação.

Em especial, agradecemos à nossa orientadora Marina Buselli, que sempre nos atendeu com paciência e nos auxiliou imensamente na elaboração deste trabalho.

Também à nossa Professora Mariana Aranha, de quem sempre iremos recordar com imenso carinho.

Enfim, a todos que tornaram esse trabalho possível.

“Educar não é impor comportamentos e conhecimentos; é amar e esclarecer, convencer racionalmente, não inculcando ilusões, mentiras, preconceitos, mas mostrando a verdade nas menores coisas e permitindo o sonho na busca inefável. A educação é uma jornada plena de companheirismo e compreensão, de respeito mútuo de verdade e liberdade”
(Reis 1996, p.78).

RESUMO

A música proporciona à criança desenvolvimento integral e estimula sua interação social. Acreditamos que, se utilizada adequadamente, pode ser uma ferramenta auxiliar na alfabetização de crianças, pois estimula o aprendizado e o desenvolvimento integral do ser humano. Conforme a Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008, sancionada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, a música será conteúdo obrigatório na Educação Básica. Embora ainda não se saiba se os conteúdos serão trabalhados em uma disciplina específica ou nas aulas de Arte, professores e escolas devem adaptar seus currículos até o início do ano letivo de 2012. Com essas proposições, esta pesquisa partiu de dois questionamentos: a) A música pode oferecer benefícios no processo de alfabetização de crianças nas fases iniciais? e, b) De que forma os professores podem melhorar suas aulas com o auxílio da música? E, a fim de buscar respostas para essas questões, esta pesquisa teve como objetivos: a) Analisar, por meio de revisão bibliográfica, como o educador pode usufruir dos benefícios proporcionados pelo ensino com a música no processo de alfabetização de crianças nas séries iniciais e b) Selecionar algumas atividades que exemplifiquem como a música pode ser utilizada no processo de alfabetização. Trata-se de pesquisa bibliográfica, que relata uma breve história da música e sua utilização nas escolas, verifica como se deu o processo de alfabetização na história do Brasil e como os autores de hoje em dia enxergam esse processo. Constatou-se que a música é um instrumento riquíssimo e que pode agregar grande valor ao processo de alfabetização, e que os professores podem e devem usufruir grandemente deste instrumento no ensino-aprendizagem. Conclui-se que os educadores deveriam aproveitar a obrigatoriedade do ensino da música no Ensino Fundamental para buscar uma forma de utilizarem-se conscientemente dos seus benefícios como uma ferramenta de apoio e complemento aos conteúdos escolares. O final deste trabalho apresenta um breve levantamento de atividades que possibilitam o uso pedagógico da música, focando a alfabetização.

Palavras-chave: Música. Alfabetização. Ensino-Aprendizagem

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MÉTODO	10
3 A HISTÓRIA DA MÚSICA	11
3.1 A música no Brasil	13
3.2 A música nas escolas	17
4 ALFABETIZAÇÃO	18
5 A MÚSICA COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA	22
7 DISCUSSÃO	25
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE- ALGUMAS ATIVIDADES QUE POSSIBILITAM O USO DA MÚSICA	31

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a música auxilia no desenvolvimento cultural e psicomotor dos indivíduos, estimula o contato com diferentes linguagens, contribui para a sociabilidade e possibilita a aprendizagem de alfabetização de maneira prazerosa e significativa.

Para Brécia (2003), a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento de vários aspectos, como: sensibilidade, criatividade, senso rítmico, prazer de ouvir música, imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, respeito ao próximo, socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação.

As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permite a comunicação com o outro. A música é um fator determinante na personalidade de um indivíduo, uma forma de expressão social e cultural.

Conforme a Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008, sancionada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, a música será conteúdo obrigatório na Educação Básica. Embora ainda não se saiba se os conteúdos serão trabalhados em uma disciplina específica ou nas aulas de Arte, professores e escolas devem adaptar seus currículos até o início do ano letivo de 2012.

A música proporciona à criança desenvolvimento integral e estimula sua interação social. Acreditamos que, se utilizada adequadamente, pode ser uma ferramenta auxiliar na alfabetização de crianças, pois estimula o aprendizado e o desenvolvimento integral do ser humano.

Uma das características desse assunto é que, tratando-se de um tema relativamente novo e pouco explorado, poderá contribuir para que seja amplamente divulgado e discutido, com o foco nos benefícios que a música pode propiciar no processo de alfabetização.

Até o momento, o que se percebe é que a música é utilizada nas escolas apenas como recreação. Talvez, inconscientemente, também seja utilizada como recurso complementar dos conteúdos, com intuito de memorizar regras – gramaticais e da matemática, por exemplo – compor cenas de dramatização, acompanhar atividades regulares, como hora do lanche, saída da escola etc.

Com essas proposições e a promulgação da Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008, que prevê a música como conteúdo obrigatório na Educação Básica a partir do ano letivo de 2012, vemo-nos diante de dois questionamentos:

a) A música pode oferecer benefícios no processo de alfabetização de crianças nas fases iniciais?

b) De que forma os professores podem melhorar suas aulas com o auxílio da música?

A fim de buscar respostas para essas questões, esta pesquisa tem como objetivos:

a) Analisar, por meio de revisão bibliográfica, como o educador pode usufruir dos benefícios proporcionados pelo ensino com a música no processo de alfabetização de crianças nas séries iniciais e;

b) Selecionar algumas atividades que exemplifiquem como a música pode ser utilizada no processo de alfabetização.

2 MÉTODO

Este trabalho foi realizado por meio de revisão de literatura e, para tanto, foram feitos levantamento bibliográfico em livros e periódicos que tratam sobre o tema e também na legislação pertinente ao que se refere ao ensino da música no Ensino Fundamental.

A pesquisa partiu de palavras-chave como alfabetização, música, ensino-aprendizagem, buscadas em sites eletrônicos como *Scielo*, Banco de teses da USP, UNESP, UFMG, site do Senado Federal, Planalto e Portal MEC e na biblioteca da Faculdade de Pindamonhangaba e Biblioteca Municipal de Pindamonhangaba.

A revisão da literatura foi estruturada em três seções. A primeira trata da História da Música, seguida de uma síntese sobre o surgimento e uso da música no Brasil e, mais especificamente, nas escolas. Na segunda, é apresentado um estudo sobre o processo de alfabetização. Na seção subsequente, comenta-se a música como linguagem pedagógica.

A seguir, apresenta-se uma discussão envolvendo os autores pesquisados a fim de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre os processos de alfabetização e o ensino da música. E por fim, apresentamos nossas considerações finais, visto que este estudo ainda não permite estabelecer conclusões específicas.

Após a lista de referências, é apresentado o Apêndice A, com algumas atividades que possibilitam o uso da música como apoio à alfabetização.

3 A HISTÓRIA DA MÚSICA

Campbell e Dickson, (2000 apud CORREIA, 2010) afirmam que alguns filósofos da antiguidade acreditavam que a música era fundamental para a educação. Segundo eles, Platão observava que "o ritmo e a harmonia penetram profundamente nos recessos da alma e lá se estabelecem, fazem surgir a graça do corpo e da mente que só pode ser encontrada em alguém educado da forma correta"(p. 137). Aristóteles também evidenciou a educação musical, crendo que graças à música as pessoas desenvolvem ótimas aprendizagens pessoais.

Segundo Loureiro (2003), Confúcio apresentava a música como transformadora da personalidade e da política, dizendo que o ser humano de boa estatura deve propagar a música em busca da perfeição e da cultura. Se isso acontecer, as pessoas poderão testemunhar que a música provocou a elevação e a busca de novos ideais, que farão com que surja uma grande nação. Já na Idade Média e Renascença, a música era a base da aprendizagem, incluindo a geometria, a astronomia e a matemática.

A palavra música vem do grego *mousiké*, que significa “arte das musas”. Os gregos atribuíam aos deuses sua música e acreditavam que ela era um meio de chegar à perfeição.

Desde os primórdios da civilização grega a música já representava uma arte, uma maneira de pensar e de ser.

Reconhecendo o valor da música surgiu a preocupação com a pedagogia da música. Ela torna-se, então, uma disciplina escolar com o objetivo de preparar cidadãos para participar e usufruir dos benefícios da sociedade.

Ainda segundo Loureiro (op. cit.), na Grécia Clássica, o ensino da música era obrigatório, e há indícios de que já havia orquestras naquela época. Pitágoras de Samos, filósofo grego da Antiguidade, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano.

“Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, 2003, p. 31).

Platão (apud CORREIA 2010, p. 137) acredita que “a música é um instrumento educacional mais potente do que qualquer outro”. Isso nos mostra que há tempos a

música já era usada de maneira a enriquecer o ensino-aprendizado e não só de forma lúdica.

Loureiro (2003) afirma que, ao mesmo tempo em que o pensamento grego se desenvolveu, a disciplina música também se expandiu e incorporou-se à poesia e às letras e um dos elementos mais importantes do pensamento musical foi o raciocínio matemático. Essa relação entre matemática e música se deve ao matemático Pitágoras, que ampliou suas descobertas para a dimensão da acústica sonora.

A música passa a ser considerada fonte de sabedoria pelos gregos, indispensável à educação do homem livre. A partir daí, o ensino da música passou a se desenvolver e era dividido em três níveis:

a) Dos sete aos 14 anos, o ensino ficava a cargo dos mestres especiais que ensinavam música e ginástica fazendo o aluno ter entendimento também de poesia, história, drama, oratória e ciência.

b) O segundo nível era dos vinte aos trinta anos. Nessa etapa, o ensino musical era voltado aos conhecimentos mais teóricos e as disciplinas que compunham esse nível eram astronomia, gramática e aritmética.

c) No terceiro e último nível, o ensino da música se estendia por mais cinco anos, os alunos que mais se destacassem tinham um ensino mais dialético, voltado para o estudo da Filosofia, os demais seriam militares.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica demonstrou grande interesse pela música, pois acreditava que ela exercia grande influência sobre os homens.

Até o final do século XVIII, a música também foi um dos principais recursos utilizados pelos jesuítas no processo de escolarização da juventude europeia, com fins estritamente religiosos.

Loureiro (op. cit.) relata ainda que, no século XX, Pestalozzi e Froebel defenderam uma educação baseada no respeito à natureza humana. Ambos defenderam um ensino baseado em métodos intuitivos. Esse processo abre caminho para uma educação musical mais voltada para a prática, ensejando a construção de uma nova metodologia pela qual o fazer musical, a exploração sonora, a expressão corporal, o escutar e perceber conscientes, o ato de improvisar e criar, a troca de sentimentos, a vivência pessoal e a experiência social propiciaram uma experiência concreta antes da formação de conceitos abstratos.

No final da década de 1930, as propostas de modernizar a maneira de musicalizar as crianças encontram espaço no Brasil.

3.1 A música no Brasil

Nesta seção será apresentada uma síntese da evolução da música no Brasil, conforme Loureiro (2003).

No Brasil, a primeira missão dos jesuítas foi catequizar os indígenas. Para este fim, eles eliminaram a música espontânea dos nativos, já que eles consideravam essa música como rituais de magia. Para evangelizá-los, utilizavam-se do cantochão e dos autos (pequenas peças teatrais de teor moral e religioso), fazendo assim com que a música nativa perdesse gradativamente suas características.

A música utilizada nessa catequese passou a integrar o currículo das escolas e os jesuítas criaram uma cartilha musical com a finalidade de contribuir para a alfabetização.

A música brasileira sofreu influência também dos afrodescendentes. Eles chegaram ao Brasil como escravos e, em contato com os índios e portugueses, criaram músicas e arranjos instrumentais bem característicos.

No século XVIII, foi criada no Rio de Janeiro uma escola de música para filhos de escravos, de onde saíram muitos cantores e instrumentistas.

Com influência do povo africano, caracterizado por ritmo bem marcado e melodias curtas, surge o samba, que se concentrou nas favelas.

Em 1847, a disciplina música é incluída no curso de formação de professores com o propósito disciplinador, apresentando um repertório de cantigas utilizadas para introduzir as atividades infantis na escola (música na hora da entrada, merenda e saída). Para a escola, o importante era utilizar o canto como maneira de controlar as crianças e demonstrar o poder da instituição.

Nesse contexto o que se via era que professores mais antigos não sabiam música e os mais novos lhe atribuíam pouca importância, mas mesmo assim era de sua responsabilidade o ensino dessa disciplina nas escolas primárias.

O ensino da música e o domínio de algum instrumento musical eram vistos como indispensáveis às moças de boa família. Nasce então, em 1841, o Conservatório Musical do Rio de Janeiro, hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No dia 18 de abril de 1932, o Presidente Getúlio Vargas, assinou o decreto nº 18.890, tornando o canto orfeônico obrigatório nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

No mesmo ano, criou o Curso de Pedagogia da Música e Canto Orfeão dos Professores do Distrito Federal.

Esse Projeto Político-Musical tinha a intenção de fazer com que todos os alunos, principalmente os da rede pública, participassem cantando da exacerbação nacionalista que então reinava no país. Assim, por meio das grandes concentrações dos desfiles escolares, da congregação de massas de alunos, exaltava-se o sentido da coletividade, do patriotismo e da disciplina. O canto orfeônico era utilizado nas grandes comemorações cívicas. Essas apresentações, que eram verdadeiros espetáculos corais, destacavam-se em grandes feriados nacionais, que eram apresentados em estádios de futebol ou no pátio do Ministério de Educação e Cultura. Eram mais de quarenta mil vozes *infanto-juvenis* e mil bandas de música num mesmo concerto.

Em 1936, como representante do governo brasileiro, Villa Lobos participa com Antonio Sá Pereira, de um congresso de educação musical. Na mesma ocasião Villa Lobos fez uma conferência, na qual expôs seu trabalho e a filosofia que o orientava. Ele afirmava que pela educação e pelo canto o país se transformaria numa grande nação. Vários projetos objetivando a organização do ensino e a propagação da música em todas as formas e níveis foram apresentados na época. Entre eles, destacou-se o projeto de Mário de Andrade (1938 e 1939), onde havia “as bases para uma entidade federal destinada a estudar o folclore musical brasileiro, propagar a música como elemento de cultura cívica e desenvolver a música erudita nacional” (op. cit., p. 59).

A partir da constituição de 1937, o governo adota uma série de medidas, visando favorecer a ampliação e a divulgação da música brasileira. No entanto, mesmo com essas medidas, o canto orfeônico se deparou com várias dificuldades para sua implantação, inclusive a dificuldade de oferecer uma formação adequada aos professores.

Em 1945, com o fim do Estado Novo, diminuiu a prática do canto nas escolas e conseqüentemente, da educação musical. Em uma tentativa de incentivar o canto escolar, e evitar o fim do ensino do canto nas escolas, foi criada a Comissão Consultiva Musical, com o intuito de manter o nível do material pedagógico musical que as escolas utilizavam. Com a queda de Vargas e o fim do Estado Novo, o canto orfeônico continuou presente como disciplina nas escolas. Porém, o valor que era atribuído diminuiu, devido à necessidade de se eliminar tudo que pudesse ser associado ao regime autoritário.

Em meados da década de 1940, ocorre não só o fim da ditadura Vargas, mas o término do movimento modernista, que era a origem dos grandes momentos da educação musical. Com a diminuição do efeito do modernismo, surgiu no cenário artístico um novo movimento, que trouxe uma nova maneira de ensinar a música. O choque desse novo discurso com o canto orfeônico foi grande e, como o canto orfeônico já não apresentava a mesma eloquência, a adesão dos professores de música a essa nova proposta deveu-se ao fato de que o canto orfeônico já não apresentava a mesma importância dos anos anteriores e a uma maior identidade com a nova metodologia, já que ela não exigia dos professores, inseguros e pouco preparados, nenhum tipo de conhecimento específico. Esse novo fazer pedagógico-musical abriu espaço para uma nova concepção no ensino das artes, culminando na fusão das diversas linguagens artísticas num todo.

Nessa época, especialistas se opuseram à Educação Musical existente, enquanto as escolas públicas de Música e Conservatórios defendiam uma postura tradicional. Mesmo com resistência das instituições formais, o movimento de renovação não para e, em 1948, é criada no Rio de Janeiro, a Escolinha de Arte do Brasil, onde se pregava uma filosofia de educação criadora, visando a integração da atividade artística no processo educativo, e essa filosofia se estendeu por todo o país. A Escolinha unificou a Arte-educação a um projeto que surgia em oposição às formas tradicionais de ensino de arte. Esse projeto logo se expandiu e, em 1958, já funcionavam vinte dessas escolas, espalhadas pelo país. A nova concepção de Arte-educação se incorporou a propostas da Escola-Nova, propostas estas que se apoiavam na crença da espontaneidade criativa e expressiva, que davam maior ênfase à atividade do aluno, que passou a ser o centro do processo ensino-aprendizagem. O ensino da música passa a ter uma nova metodologia, baseado num ensino intuitivo e ativo, com ênfase no aluno.

O movimento artístico que se iniciou nos anos 60 rompeu a tradição, levando a arte para as ruas, aproximando a arte das massas. As manifestações decorrentes desta aproximação fizeram com que a música popular e a de vanguarda se unissem, possibilitando a vivência de novas formas de expressão artística. Nesse momento, a Arte-educação aproxima-se da escola pública, e a música propriamente dita aproxima-se da dança e do teatro, misturando as linguagens artísticas.

Já na década de 1970, o ensino da música nas escolas sofre um abalo com a retomada do autoritarismo. O governo militar promulga uma nova lei de ensino (lei nº 5.692/71) fazendo com que as escolas tenham alterações em seus currículos. Assim, a

disciplina de música é integrada às disciplinas de artes plásticas e teatro, formando a disciplina Educação Artística, estabelecida pela lei nº5.692/71, em seu artigo 7º.

Porém, o que ocorreu com a disciplina de Educação Artística foi uma interpretação equivocada, ocasionando assim a diluição dos conteúdos específicos de cada área. Essa pouca importância à disciplina ocorreu devido à filosofia em que se baseava a política educacional do momento, que tinha como preocupação principal a entrada imediata do indivíduo no mercado de trabalho. Nesse cenário, o papel da Educação Artística tem pouco valor e só é incluída na grade de disciplinas obrigatórias por causa da tradição humanística, presente na educação brasileira.

Com o fim do regime militar no início dos anos oitenta, volta-se a discutir o Sistema Educacional Brasileiro e, após oito anos de discussões é promulgada, em 1996, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei nº9.394/96, que reafirma os compromissos do estado em relação à oferta da escola, reorganiza o sistema escolar de maneira a ampliar o tempo de escolaridade obrigatório.

Para cumprir essas determinações o Ministério da Educação organizou, por meio de pesquisas realizadas na comunidade escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) baseados no Conselho Nacional de Educação. Os PCNs trazem orientações para cada área do conhecimento que compõe obrigatoriamente o ensino (Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Históricos e Geográficos, Ciências, Língua Estrangeira, Educação Física e Artes, nas linguagens: Música, Teatro, Dança e Artes Visuais). Mesmo não sendo obrigatórios, os PCNs visam estabelecer uma política de ensino para o país, além de favorecer reestruturações de propostas educacionais para preservar as especificidades locais e autonomias das diferentes estâncias do governo.

Quanto aos conteúdos da música, os PCNs apontam três eixos norteadores: experiências do fazer artístico (produção), experiência de fruição (apreciação) e reflexão. A interpretação e o desenvolvimento dos conteúdos propostos pelos PCNs irão depender do entendimento de cada profissional que deve se utilizar de suas habilidades e criticidade para colocar as orientações em prática.

A menção a música como componente curricular não garante uma mudança na atual situação. Envolve desde políticas públicas, até um melhor entendimento do papel da música na formação da criança e do jovem. Tudo isso exige uma retomada em profundidade da questão, tendo em vista um entendimento do que seja educação musical. (LOUREIRO, 2003, p. 77).

Assim percebemos que existe a necessidade de saber como se encontra a Educação Musical no momento, e como ela está sendo vista pelos estudiosos e pelos educadores musicais. Pois, mesmo sabendo que a mudança não depende unicamente deles, eles possuem um papel fundamental para a conscientização da sociedade sobre o valor da música para o aprendizado.

3.2 A música nas escolas

Como afirma Loureiro (2003), há várias décadas a Educação Musical encontra-se ausente das escolas brasileiras. Essa ausência ocorreu por vários motivos, entre os quais merece destaque sua perda de identidade como disciplina. Hoje a Educação Musical enfrenta inúmeros problemas, sendo que os de maior relevância são a falta de sistematização do ensino de música nas escolas de Ensino Fundamental e o desconhecimento do valor da Educação Musical como integrante do currículo escolar.

A música, embora seja uma ferramenta de grande valor para auxiliar no ensino-aprendizagem, segundo Hentschke (1991 apud LOUREIRO, 2003) é utilizada hoje, na educação, apenas com caráter de atividade lúdica, descontextualizada da realidade cotidiana dos alunos e sem consequência educativa.

Segundo Brito (2003), encontramos nas escolas atualmente um uso excessivo da prática do cantar, mas que é introduzido de modo inconsciente e mecânico, restringindo-se a reproduções do que se veicula na mídia ou as músicas ditas pedagógicas. Muito utilizadas também são as “musiquinhas” ensaiadas para datas comemorativas, como o Dia das Mães ou Festa Junina, mas como são aplicadas de maneira mecânica nada acrescentam no aprendizado das crianças.

Figueiredo (1999) ressalta a importância da música e afirma que ela não deve ser tratada exclusivamente como uma aula ou um momento em que se preparam festas das escolas. Acrescenta que, por mais que a atividade musical faça parte da escola, necessita assumir um papel relevante enquanto forma de conhecimento e isto só será possível a partir da inclusão da disciplina e da sua continuidade no Ensino Fundamental e Médio. O autor destaca que em países com mais tradição que o Brasil no campo da educação, a música recebe destaque nos currículos, como é o caso do Japão e dos países Nórdicos. Nesses países, o educador tem, na sua graduação profissional, um espaço

considerável dedicado à sua formação musical, inclusive com a prática de um instrumento, além do aprendizado de um grande número de canções.

Percebe-se, portanto, que existe uma necessidade de se aprimorar as organizações curriculares para que cada linguagem artística tenha presença garantida nelas, de forma digna e real. Para tanto, é preciso investir significativamente na formação estética e musical dos professores, para que os alunos possam usufruir integralmente dos benefícios da música, e que não se formem tendo uma visão estreita do que a música é capaz de proporcionar.

4 ALFABETIZAÇÃO

Antes de discorrermos sobre o uso da música na alfabetização, é necessário apresentarmos uma breve revisão sobre esse processo.

Segundo Bechara (2009, p. 33), “alfabetização é a ação ou efeito de alfabetizar [...] alfabetizar é ensinar a ler e escrever”.

Alfabetização é um termo utilizado no Brasil a partir do século XX e denomina o ensino da leitura e escrita na fase inicial de escolarização (MORTATTI, 2009). Fazendo um breve apanhado sobre a história da alfabetização no Brasil, essa autora analisa que durante o Império, o ensino da leitura e escrita era prática cultural restrita ao lar, e de forma informal e precária nas poucas escolas existentes (aulas régias). Mas, com a Proclamação da República no fim do século XIX, junto com a necessidade da instauração de uma nova ordem política e social no país e visando o preparo das novas gerações, a escola torna-se instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação, pretendendo assim proporcionar “esclarecimento das massas iletradas” (p. 2). Da metade do século XIX até o início da década do século de 1890, o ensino da leitura e escrita dava-se mediante ao método de marcha sintética que podiam ser definidos como: de soletração (partindo do nome das letras); do fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e de silabação (emissão de sons partindo das sílabas). Somente após terem conhecido as letras, os sons em sílabas e as famílias silábicas, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, o ensino dava-se mediante o uso de cópias, ditados e formação de frases, com ênfase ao desenho correto das letras. No período de 1876 a 1890, passa a ser utilizado o “método João de Deus”, também conhecido como método da “palavração” ou analítico, que consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra e dela partir para a formação fonética e as letras. Mas, a partir daí surge uma disputa entre os defensores desse método e aqueles que continuavam a defender e utilizar os métodos sintéticos: da soletração, fônico e da silabação. Com essa discussão, passa-se à utilização de diversos métodos e não apenas um, tendo como principal objetivo o ensino da leitura e da escrita, de forma subordinada às questões de ordem linguística da época. A partir de meados da década de 1920 se tornou cada vez maior a resistência dos professores quanto à utilização do método analítico (processo de palavração e sentencição) começando assim uma busca por novas propostas de solução para os problemas do ensino e aprendizagem iniciais da leitura e da escrita. O método

de ensino deveria ser subordinado ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas. A partir da década de 1980, a tradição passou a ser questionada, já que surgiram novas urgências políticas e sociais, que acompanharam as propostas de mudança na educação, buscando-se enfrentar em especial o fracasso das escolas na alfabetização das crianças.

Dentre os autores mais atuais, temos Soares (2004), para quem alfabetização é a aprendizagem do sistema de escrita. Ou seja, alfabetizado é aquele que domina o sistema de escrita. A autora afirma também que atualmente no Brasil, segundo dados apresentados pelas pesquisas realizadas pelo PNAD (Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios), o conceito de alfabetização é definido pelo critério de anos de escolarização, em função dos quais se caracteriza o nível de alfabetização funcional da população, ficando implícito nesse critério que após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura.

Dados do Instituto Nacional de Estatística e Pesquisa em Educação (INEP) indicam que os índices alcançados pela maioria dos alunos de 4ª série do ensino fundamental não ultrapassam os níveis “crítico” e “muito crítico”. Isso quer dizer que, mesmo para as crianças que tem acesso a escola e que nela permanecem por mais de três anos, não há garantia de acesso autônomo as praticas sociais de leitura e escrita (COLELLO, 2003)

Em material elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), destinado ao Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, encontra-se a seguinte afirmação:

Infelizmente, não é injusto afirmar que, ao longo da história, a escola brasileira tem fracassado em sua tarefa de garantir o direito de todos à alfabetização. Em um primeiro momento, porque o acesso à escola não estava assegurado a todos; depois, porque, mesmo com a democratização do acesso, a escola não conseguiu – e ainda não consegue – ensinar efetivamente todos os alunos a ler e escrever, especialmente quando provêm de grupos sociais não letrados (BRASIL, 2001, p. 9).

Sobre a escrita, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que aprender a escrever não é apenas um processo cognitivo, mas também uma atividade social e cultural, essencial para a criação de vínculos entre cultura e conhecimento. Para as autoras, não se trata simplesmente da aquisição de uma técnica de transcrição, mas de um processo de apropriação de um objeto socialmente constituído. De acordo com as autoras, o

processo de aprendizagem ocorre mediante estímulos que atuam no desenvolvimento humano. Essas ideias pautam-se nos esquemas de assimilação desenvolvidos por Piaget.

Para Piaget (apud FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), o conhecimento se dá mediante a interação homem-meio, sujeito-objeto. Para que o conhecimento seja construído, é necessário uma equilibrção de dois mecanismos: assimilação e acomodação. Sendo que a assimilação é a necessidade do indivíduo incorporar os novos aprendizados em seu esquema cerebral e a acomodação é a capacidade do indivíduo modificar os esquemas já existentes a fim de assimilar os novos conhecimentos. A diferença entre método de ensino e processo de aprendizagem tem sua justificativa teórica baseada nessa teoria de Piaget, já que ambas se dão pelos princípios básicos dos estímulos que são transformados pelo sistema de assimilação do sujeito que somente após a interpretação do estímulo o sujeito justifica sua conduta.

Como relata Lerner (2002), ensinar a leitura e a escrita é algo que ultrapassa a alfabetização no seu sentido estrito. Formar todos os alunos como praticantes da cultura escrita quer dizer reconstruir o objeto de ensino, tendo por base as práticas sociais de leitura e escrita, fazendo assim com que a escola funcione como uma micro comunidade de leitores e escritores. Então o desafio da escola deve ser formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita.

De acordo com o Guia de Planejamento e Orientações Didáticas do Professor Alfabetizador (SÃO PAULO, 2009), é função da escola criar um ambiente inspirador para o uso da leitura, fazendo com que os alunos tenham acesso a uma imensidade de textos com os vários gêneros existentes. Os alunos devem ser levados a identificar e refletir sobre os diferentes usos sociais desses gêneros. Ler e escrever não devem ser atividades encaradas como decifração de códigos, já que a língua não é um código, mas como um ato que nos dá a capacidade de interagir com a cultura da autonomia. A língua é um sistema discursivo que se organiza no uso e para o uso, escrito e falado, sempre de maneira contextualizada. Mas, antes de ler e escrever existe a necessidade da apropriação do sistema de escrita que envolve aprendizagens específicas como: conhecimento do alfabeto, a forma gráfica das letras e o seu valor sonoro.

Para Ferreiro (2001), a escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário. Sendo assim, é possível afirmarmos que com o domínio da leitura e da escrita qualquer pessoa torna-se capaz de ser livre e de usufruir do seu conhecimento.

Ultimamente, muitos pesquisadores ressaltam a importância da consciência fonológica no aprendizado da leitura e da escrita. Basso (2007) define consciência fonológica como a habilidade de reflexão sobre a estrutura sonora, assim como ter consciência das diversas segmentações da linguagem oral. Essa habilidade envolve a capacidade de reconhecer e produzir manipulações silábicas e fonêmicas, como rimas, segmentações de palavras, análises, sínteses, reversões. Pedagogicamente, essas habilidades são desenvolvidas em atividades como trava-línguas, contar o número de sílabas, reconhecer a sílaba inicial medial ou final de uma palavra, formar novas palavras a partir de outras.

Enquanto que a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade (TFOUNI, 1995, p. 20).

Compreendemos assim que a alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia - do conjunto de técnicas- para exercer a arte e ciência da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (RIBEIRO, 2003).

5 A MÚSICA COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA

A música é muito mais que um simples conjunto de sons que se unem em uma melodia. Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam, enquanto outras nos atingem diretamente – e podem até mesmo transmitir significados concretos. ‘O cérebro de todo ser humano se interessa muito por informações musicais e é extremamente habilidoso em compreender seu significado’, explica Stefan Kölsch, do Instituto Max Planck de Ciências Cognitivas e Neurológicas, em Leipzig. Kölsch investiga a ligação entre a música e a fala. O músico e psicólogo descobriu que o cérebro não faz grande diferença entre as duas: ambas são trabalhadas na mesma região. (SCHALLER, 2005, p. 64-69 apud CORREIA, 2010, p. 135).

Ao analisarmos essa afirmação, é possível perceber que a música não deve ser tratada meramente como algo cultural e que não pode ser utilizada para qualquer outro fim. O que se constata, é que a educação escolar influencia a base da formação de qualquer pessoa e, portanto, deve utilizar as inúmeras possibilidades de ensino existentes, deve ser criativa, aberta à análise dos vários métodos e ferramentas que venham agregar valor à sua função.

As crianças são extremamente abertas ao mundo e a seus inúmeros recursos de interação social, o que nos permite afirmar que a música pode e deve ser utilizada em vários momentos do processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Avelar (1995 apud PRADO; FIGUEIREDO, 2005), é correto afirmar que a música é um excelente recurso estimulador para o desenvolvimento da leitura de textos e das hipóteses de escrita. Pois a música, como atividade criativa, pode naturalmente favorecer o aparecimento de situações problema, propondo novas formas de utilização e manuseio da linguagem e propiciando a construção de hipóteses de escrita.

“As crianças podem perceber, sentir e ouvir, deixando-se guiar pela sensibilidade, pela imaginação e pela sensação que a música lhes sugere e comunica.” (BRASIL, 1998, p. 65). Isso nos faz crer que a alfabetização torna-se um processo mais produtivo e agradável para as crianças mediante a utilização da música, propiciando que a assimilação desse novo conhecimento ocorra de forma mais natural.

A música é um elemento presente em todas as culturas e agrada às crianças, além de enriquecer suas experiências. Como relata Brito (2003), a Educação Musical

não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças do hoje.

O universo escolar cheio de sons, de músicas e canções mesmo que infantis, na maioria das vezes, não são assim percebidos pelos professores inseridos nesse contexto.

Falta compreensão, não só dos benefícios que a música pode proporcionar, mas também de que através dela é possível, no ensino-aprendizagem, resgatar inúmeras facetas do processo educacional, como a emoção e a criatividade, as quais podem se tornar um conteúdo interdisciplinar de grande valor.

Correia (2010) afirma que através da música é possível trabalhar em vários momentos do ensino-aprendizado, que a música é um instrumento essencial na busca do conhecimento e que sempre é levado até as pessoas de maneira lúdica, criativa, emotiva e cognitiva. O autor ainda ressalta que o uso da música, além de acelerar o aprendizado, tem a capacidade de incentivar a participação, a cooperação e a socialização. Mas antes disso existe a grande necessidade de rever os métodos que servem de orientação para as várias atitudes didático-pedagógicas dos conteúdos disciplinares.

Pedagogicamente, através da criatividade, a linguagem musical oferece possibilidades interdisciplinares, enriquecendo o processo educacional. Como observou Correia (2010), a linguagem, principalmente a textual, que a sociedade utiliza, pode ser potencializada por meio de uma linguagem musical que serve a processos de ensino-aprendizagem e a elaboração de metodologias alternativas e importantes à educação.

Jeandot (1990) afirma que a finalidade da música na escola não é tanto transmitir uma técnica particular, mas sim desenvolver nos alunos o gosto pela música e a aptidão para captar a linguagem musical e expressar-se através dela, além de possibilitar seu acesso ao imenso patrimônio musical que a humanidade vem construindo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

[...] As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior. (BRASIL, 1998, p. 19).

Figueiredo (2007) afirma que é preciso aprimorar as organizações curriculares e que cada linguagem artística tenha presença garantida de forma digna e real. Integrar música às atividades educacionais não quer dizer cantar para decorar fórmulas matemáticas ou datas cívicas, ou ainda cantar para aprender elementos gramaticais de

idiomas estrangeiros, mas, sim, incorporar efetivamente a música como experiência educacional que permita aos indivíduos se relacionarem com esta forma de expressão humana.

A atual LDB (Lei 9394/96) determina que a Arte, em todas as suas linguagens (Teatro, Dança, Artes Plásticas, Música), é um componente curricular obrigatório em todas as séries do ensino fundamental. (BRASIL, 1996). Integrada às demais disciplinas, a Música se insere no contexto da educação regular como uma das linguagens artísticas que têm o dever e a responsabilidade de educar.

A música também se constitui em campo específico de atuação profissional. Pelo seu potencial para desenvolver diferentes capacidades mentais, motoras, afetivas, sociais e culturais de crianças, jovens e adultos, a música se configura como veículo privilegiado para se alcançar as afinidades educacionais almejadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (BRASIL, 2006).

Para Avelar (1995 apud PRADO; FIGUEIREDO, 2005), acredita-se que a música poderá influenciar positivamente no desenvolvimento da escrita, aproximando o sujeito de seu objeto de conhecimento, de maneira diversa da situação formal de alfabetização escolar.

Segundo Brito (2003), a música constitui-se em representação do real pelo som, definindo-se assim, em jogo simbólico da criança. As brincadeiras cantadas infantis são talvez, umas das primeiras experiências da criança com jogos com regras. Essa brincadeira constitui-se em fazer entrar em molde rítmico uma frase. A autora afirma que a partir do momento em que a criança aproxima-se da etapa do jogo com regras, a música oferece um vasto campo para a sistematização e organização do conhecimento. Ao se trabalhar música com as crianças, deve-se considerar que a música é um processo continuamente em construção, que lhes permite perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir. Por isso, um trabalho pedagógico que envolva a música deve ser em contextos educativos, deve incluir todos os alunos e não só os que demonstram “dom”. Deve envolver a criança de forma integral e, como linguagem, deve ser ministrada de forma orientada, de modo a provocar reflexões, em um contexto de respeito, valorização e estímulo a cada aluno. Ao se trabalhar a alfabetização com música é possível, além de cantar, brincar com a voz, explorando possibilidades sonoras diversas: imitar vozes de animais, ruídos, o som das vogais e das consoantes (com a preocupação de enfatizar a formação labial), entoar movimentos sonoros, etc.

A autora acrescenta que nesse trabalho de música na alfabetização é necessário considerar a escolha do repertório musical, acrescentando que “é aconselhável aproveitar as contribuições que as próprias crianças trazem o que não significa trabalhar apenas com as músicas veiculadas pela mídia, que costumam ser, infelizmente, as menos indicadas pela realização do trabalho” (Brito ,2003,p. 94).

6 DISCUSSÃO

A música é algo que alegra, emociona e traz lembranças. Algo tão interessante assim só pode ser de grande utilidade em todas as áreas em que for inserido, e na educação não poderia ser diferente. Tudo o que chama a atenção das crianças, faz com que elas queiram aprender e, na maioria das vezes, faz com que elas aprendam espontaneamente, sem se sentirem pressionadas. A música pode se tornar muito mais que uma ferramenta para o ensino-aprendizagem. Pode ser um instrumento permanente, para que o professor enxergue os resultados obtidos, e os alunos se sintam satisfeitos com o que produziram.

Como já foi citado anteriormente, Correia (2010) afirma que a música traz a possibilidade de se trabalhar os vários momentos do ensino-aprendizado e que pode ser levado até as pessoas de maneira lúdica, criativa, emotiva e cognitiva. Sendo assim, entendemos que realmente a música é um instrumento de fácil acesso e de grande abrangência, que pode fazer com que os alunos aprendam de maneira mais rápida e eficaz. E que facilita ainda, inúmeras possibilidades de ensino aos educadores-alfabetizadores.

Da mesma maneira, Figueiredo (1999) destaca que a música não deve ser tratada como um momento onde se prepara as festas da escola, pois o papel dela é fundamental no ensino e, só depende das escolas assumirem um papel relevante perante o ensino da música, já que é nas escolas a formação da base para o conhecimento de qualquer pessoa.

Fica-nos claro que o ensino da música não é só uma obrigação da escola, mas também um direito das crianças, para que possam se desenvolver integralmente usufruindo das várias culturas existentes em nossa sociedade.

Assim, conduzir este trabalho até aqui nos fez compreender que a música realmente é algo de grande utilidade para a alfabetização e que, através dela, pode-se levar o aluno a aprender a ler e a escrever de maneira mais prazerosa e significativa. Que com um trabalho lúdico, o aluno se sente mais a vontade e mais apto para assimilar o conteúdo a ser ensinado.

Pela revisão histórica feita neste estudo, constatou-se que o ensino da música era obrigatório nas escolas, pois a ela era creditado o poder de se chegar à perfeição.

Seu uso foi estendido ao ensino da Matemática, visto que o raciocínio matemático é amplamente utilizado na aprendizagem da música (BRÉSCIA, 2003; CAMPBELL; DICKSON, 2000 apud CORREIA, 2010; LOUREIRO, 2003).

Os PCNs apontam para o ensino de música alguns eixos norteadores. Porém, como os conteúdos dos PCNs não são obrigatórios, as propostas que constam neles dependem inteiramente do discernimento e da compreensão dos profissionais que irão utilizar e colocar essas propostas em prática. (LOUREIRO, 2003).

Assim, acreditamos que os educadores deveriam aproveitar a obrigatoriedade do ensino da música no Ensino Fundamental (Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008) para buscar uma forma de utilizarem-se conscientemente dos benefícios da música como uma ferramenta de apoio e complemento aos conteúdos escolares. Mais especificamente na Alfabetização, que é o foco deste trabalho, apoiamos-nos nas pesquisas de Ferreira e Teberosky (1999 apud PRADO; FIGUEIREDO, 2005), que reconhecem nos estudos de Piaget a importância da interação entre o homem e o meio.

Vários autores têm apontado a importância da música no desenvolvimento escolar, por suas características de auxiliar no desenvolvimento da memória, no manuseio da linguagem, colaborando com a construção das hipóteses de escrita. Além disso, a música colabora enormemente no desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação, da criatividade, que são elementos fundamentais para qualquer aprendizagem e, indo mais além, na formação integral do ser humano. As situações em que se usa a música, na sala de aula, incentivam a socialização, a cooperação e a participação dos alunos. Sendo que, o ensino da música não deve ser resumido ao ensino de técnicas, mas sim de possibilitar às crianças conhecimento de um patrimônio cultural, construído pela humanidade. (AVELAR, 1995 apud PRADO; FIGUEIREDO, 2005; BRASIL, 1998; BRITO, 2003; CORREIA, 2010; JEANDOT, 1990).

Como continuação dessa pesquisa seria interessante o aprofundamento no campo da música e como a criança se apropria dela para a construção do conhecimento, ainda assim verificar através de pesquisa de campo se a música realmente acelera o processo de alfabetização ou não.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, pretendíamos apenas enfatizar a importância da música na escola, tendo por base a Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008. Todavia, no decorrer de nossas pesquisas bibliográficas, constatamos que a música na escola é muito mais que uma lei. Verificamos que ela é algo riquíssimo, e é muito triste saber que não é utilizada de maneira a acrescentar algo nas aulas, seja como instrumento, ferramenta ou mesmo como disciplina.

Desde muito nova, a criança desenvolve, através da música, suas percepções auditivas compreendendo a importância do som e do silêncio e, por essa percepção, a criança ao ser ensinada com o auxílio da música, consegue captar de maneira muito mais rápida o que está sendo ensinado.

No transcorrer deste trabalho, fomos percebendo que a música está presente na vida da criança, que ela a recebe de maneira espontânea e que por ela é possível explorar o universo da alfabetização de modo prazeroso.

Sabemos da grande importância da alfabetização na vida de qualquer pessoa e que ela se constitui a base de todo aprendizado. Podemos constatar que quando realizada com utilização de recursos variados, alcança dimensões ainda maiores do que a que se era esperada no início. Quando se aprende ludicamente, o aprendizado se torna mais rápido e o que se aprende quase nunca é esquecido, além de ser algo que não é visto como obrigação, mas sim, como algo prazeroso, divertido, que faz com que as crianças queiram aprender, faz com que elas esperem pelo momento do aprendizado.

A música permite aos professores o trabalho interdisciplinar, facilitando a aprendizagem, fixando assuntos, unindo “o útil ao agradável”.

A forma agradável e prazerosa de explorar o universo da música deve ocorrer por meio de brincadeiras, pois quando as crianças brincam, observa-se a satisfação que elas experimentam ao participarem das diversas atividades. Não são raros os sinais de alegria e os risos são uma constante.

Neste processo lúdico, a criança consegue conjugar seu mundo de fantasia com a realidade, sem perceber que elas estão adquirindo, neste momento, vários conhecimentos. Na alfabetização, a utilização da música faz com que a criança aprenda e amplie seu vocabulário, fazendo comparações com a sua realidade.

Baseado nesses dados podemos concluir, que em uma sociedade que a cada dia torna-se mais fundamentada na leitura e na escrita, o professor tem a incumbência de estimular e proporcionar ao educando essa aprendizagem.

Acreditamos que a música, tornando-se uma linguagem pedagógica, traz consigo grande relevância. Além de trazer todas as vantagens citadas aqui, faz com que seja possível trabalhar todos os conteúdos da alfabetização de forma inovadora, muito criativa e a aprendizagem não se torna cansativa.

Dessa forma, esperamos que a Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008 seja um meio de aumentar as possibilidades de ensino e não seja vista pelos educadores como uma obrigação como algo que deva ser cumprido sem enxergar a imensidão de possibilidades que a obrigatoriedade da música no ensino carrega consigo.

REFERÊNCIAS

BASSO, F. P. O papel da consciência fonológica no processo de construção da lacto-escrita. In: BOLZAN, D. P. V. (Org.). **Leitura e escrita: ensaios sobre alfabetização**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. cap. 3, p. 43-54.

BECHARA, E. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica, Brasília, DF, 18 de ago. de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 22 nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Determinação de Política da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/ DPE / COEDI,1998.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado nº330, de 2006. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica, Brasília, DF, 04 de dez. de 2007. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=23292&tp=1>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores: Documento de Apresentação**. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CORREIA, M. A. **A função didático-pedagógica da linguagem musical:** uma possibilidade na educação. *Educar em Revista*, Curitiba, n.36, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602010000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jun. 2011.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. São Paulo: Artmed, 1999. (Edição Especial).

FIGUEIREDO, S. L. **A Legislação Brasileira para a Educação Musical nos anos iniciais da Escola**. Comunicação In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM MÚSICA (ANPPOM). 17. 2007. São Paulo: UNESP, 2007.

JEANDOT, N. **Explorando o Universo da música**. São Paulo: Scipione, 1990.

LOUREIRO, A. M. A. **O ensino de música na escola fundamental**. São Paulo: Papyrus, 2003.

MORTATTI, M. R. L. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. In: SEMINÁRIO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE, Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2011.

PRADO, A. M. V. B.; FIGUEIREDO, E. **Análise da Influência da Música no Processo de Desenvolvimento da Escrita**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM MÚSICA (ANPPOM). 15. 2005. Rio de Janeiro: UFG, 2005. Disponível em: <http://www.unirio.br/mpb/textos/AnaisANPPOM/anppom%202005/sessao2/adriana_prado_eliane_figueiredo.pdf>. Acesso em: 05 out. 2011.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas: professor alfabetizador**. 1ª série. 2. ed. São Paulo: FDE, 2009.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, n. 25, Jan./ Abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

APÊNDICE - ALGUMAS ATIVIDADES QUE POSSIBILITAM O USO DA MÚSICA

1ª Atividade – Reconhecendo e construindo frases.

Atividade adaptada de: BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

A música a ser trabalhada é o “Samba-Lelê”, samba de roda presente em quase todo território nacional e que possibilita a construção de frases musicais.

É uma atividade indicada para se trabalhar exercícios de percepção e análise, até mesmo com outras canções. Essa música permite que se faça o fraseado musical que, nesse caso, é composto de duas partes: pergunta e resposta.

Justificativa: O trabalho com esta música possibilita a construção de frases musicais, serve também como ponto de partida para a realização de atividades similares, de percepção e de análise, durante o trabalho com outras canções.

Público alvo: crianças no início da alfabetização.

Objetivo: O objetivo dessa atividade é que a criança desenvolva, de forma lúdica e descontraída a leitura, reconhecendo as sílabas que serão marcadas pelo compasso da canção, também é possível trabalhar o cantar, dançar, dramatizar, etc.

Desenvolvimento:

Inicie a atividade cantando para a turma a canção “*Samba-lelê*”, buscando um modo particular de interpretar, de representar a situação. A primeira estrofe fala apenas do Samba-lelê, mas as seguintes propõem um diálogo: estaria o Samba-lelê conversando com a morena bonita?

*Samba-lelê tá doente
Tá co'a cabeça quebrada
Samba-lelê precisava
É de umas boas lambadas.*

*Samba, samba, samba, ô lelê (bis)
Pisa na barra da saia ô lelê
Olhe, morena bonita
Onde é que você mora?*

*Moro na praia formosa
Mas eu de lá vou-me embora.*

(Refrão)

*Olhe morena bonita
Como é que se namora
Põe um lencinho no bolso
Deixa a pontinha de fora.*

(Refrão)

*Olhe, morena bonita
Como é que se cozinha
Bota a panela no fogo
Vai conversar co' a vizinha.*

A percepção das frases (conforme a orientação anterior) pode ser trabalhada com as crianças durante a interpretação da canção: um grupo canta a frase 1 (pergunta) e o outro responde (frase 2). O refrão pode ser cantado por todo o grupo e deve ser aproveitado para conscientizar o conceito. O refrão, ou estribilho, corresponde aos versos que se repetem, numa composição.

Com este trabalho é possível estimular a atenção das crianças para a percepção de questões como as que foram apresentadas acima. Não lhes dê respostas nem lhes apresente o esquema da canção todo pronto, mas caminhe junto com elas nessa direção. Elas desenvolverão uma escuta mais atenta e consciente, discriminando semelhanças e diferenças, percebendo as partes e o todo de uma só vez, aspectos muito importantes para a formação de uma percepção holística e integradora.

2ª Atividade – Reconhecendo o nome.

Fonte:

<<http://alfabetizacaoecia.blogspot.com/search/label/ATIVIDADES%20DE%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O>>. Acesso em: 08 dez. 2011.

A atividade a seguir, é indicada para ser trabalhada com as crianças menores, no início da alfabetização, pois se caracteriza em trabalhar os nomes da criança e dos colegas de uma forma mais descontraída marcada pela música “A Serpente”.

Justificativa: Por se tratar de uma musica fácil, auxilia a aprendizagem e o reconhecimento do próprio nome.

Público alvo: crianças no início da alfabetização.

Objetivo: O objetivo dessa atividade é que a criança reconheça o próprio nome.

Material: crachás com os nomes das crianças.

Desenvolvimento:

A atividade é iniciada com as crianças sentando-se em roda e em torno delas a professora irá girar cantando a seguinte canção:

*Esta é a história da serpente
Que desceu o morro
Para procurar um pedacinho do seu rabo
Você também... Você também
Faz parte do meu rabão*

Na parte da música em que a professora canta: "Você também... Você também...", deverá mostrar um crachá para a turma, que deverá reconhecer seu nome no mesmo, colocá-lo e ficar atrás da professora, segurando em sua cintura (como se fosse um 'trenzinho'). A brincadeira continua até que todos os alunos estejam atrás da professora, formando o "rabo" da serpente.

3ª Atividade – Alfabetizando com música

Fonte: <<http://www.aprendeminas.com/2010/07/alfabetizando-com-musica.html>>. Acesso em: 20 out. 2011.

Público-alvo: alunos do segundo e terceiro ciclo do Ensino Fundamental I.

Objetivo: Fazer com que as crianças aprendam um novo gênero musical e ainda possam produzir textos através da música.

Desenvolvimento:

A CASA
Vinicius de Moraes

*Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali
Mas era feita com muito esmero,
Na rua dos bobos número zero.*

1º Passo – Perguntar para as crianças se elas já ouviram esta música e se conhecem quem escreveu;

Obs: Fazer uma leitura sucinta e objetiva da biografia do compositor.

2º Passo - Escrever a letra da música em um cartaz e cantar com as crianças mostrando a letra até que elas se familiarizarem com as palavras, principalmente se existirem alunos não alfabetizados; pois, eles necessitarão aprender a música de cor para poderem realizar as atividades propostas, caso, contrário, os mesmos não conseguirão fazer mais nada;

Obs: A letra da música deverá ser registrada no caderno como uma sugestão de para casa, devendo ser preservado sua formatação e estrutura textual. Explicar aos alunos a que gênero pertence o texto: gênero música. O cartaz deverá ser afixado na sala, como mais um componente do ambiente alfabetizador.

3º. Passo – A professora fará uma leitura bem expressiva do texto. Os alunos poderão acompanhá-la no cartaz, ou melhor, ainda, no texto que já foi copiado no caderno, fará comentários sobre o assunto, do tipo: do que ela fala? Discutirá bastante com eles sobre esta casa que é bem diferente das casas que eles conhecem, perguntará sobre as palavras desconhecidas e tentará juntamente com eles buscar o significado das palavras no contexto.

4º Passo – Após realização do trabalho do item anterior, a professora irá propor a busca das palavras que não foram esclarecidas com sua intervenção no dicionário, fazendo os direcionamentos para a busca pelas crianças; como intervenção a professora pode dizer: vamos procurar a palavra... Ela está na página, dependendo da turma a professora pode ainda situar em qual coluna está a palavra a ser procurada e ainda se esta no meio, embaixo ou mais em cima da coluna.

5º Passo – O professor pedirá aos alunos que procurem na letra das músicas as palavras que rimam e faça uma marca nas terminações que se combinam, podendo ser sugerido de maneira oral que os alunos digam outras que se assemelhem e as registrem no caderno;

6º Passo – Colorir as palavras selecionadas da seguinte forma: a primeira sílaba com a cor amarela, a do meio com a cor verde e a última com a cor azul. Depois de marcadas pelas respectivas cores, pedir aos alunos que registrem as palavras no caderno, uma debaixo da outra e que façam um círculo com vermelho na palavra que contém o maior número de letras e um quadrado de cor laranja na palavra que contém o menor número de letras;

7º Passo - Colocar em ordem alfabética as palavras do 5º item e classificá-las conforme o número de sílabas. Se os alunos já conhecem a terminologia da classificação de sílabas poderão fazê-lo, caso contrário, deverão apenas contar as sílabas e registrar na frente de cada palavra a quantidade da mesma.

8º Passo – Formar frases com as palavras do item anterior. Se a criança ainda não está alfabetizada a professora escreverá no quadro as palavras de forma desordenada e auxiliará na formação das frases. Após, esse trabalho pedir para que as crianças as

reescrevam.

Obs: Manter a sala com os alunos em pequenos grupos para facilitar a intervenção e orientação da professora.

9º Passo – Pedir aos alunos para fazerem uma ilustração de uma casa muito engraçada e uma de sua casa. A professora pedirá para a criança fazer uma comparação entre a “Casa muito Engraçada” e a sua casa. Perguntando: Qual é a diferença entre as duas casas? O que elas têm de parecido? Etc. A professora ouvirá a opinião das crianças.

10º Passo – Após a reflexão do item anterior se a criança já está alfabetizada ela criará uma pequena história após ter refletido sobre esta “Casa muito Engraçada” e a sua casa. E as crianças que ainda não são alfabetizadas podem trabalhar o texto da música fatiado, para que a criança possa ordená-lo. Pode ser sugerida a confecção de um texto coletivo.

4ª Atividade – Poemas para cantar

Fonte: Revista Nova Escola. Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/poemas-cantar-585342.shtml>.

Acesso em: 08 dez. 2011.

Introdução: Nesta sequência de atividades, além de ampliar seu repertório musical, as crianças podem conhecer um pouco mais sobre a canção, uma composição normalmente curta, que combina melodia com poesia.

Objetivos: Ampliar o repertório musical das crianças

- Aprender a ouvir/apreciar músicas diversas
- Conhecer alguns poemas ou obras literárias musicadas

Público alvo: 1º ano

Conteúdos específicos:

- Escuta musical
- Repertório musical
- Poesia
- Canções

Tempo estimado: Um semestre

Material necessário: Alguns livros e de um aparelho de som. Para a realização desta sequência, sugerem-se algumas obras musicais com as características pedidas pela atividade:

CDs: A Arca de Noé - volumes 1 e 2 (poemas de Vinícius de Moraes), Universal; De Paes para Filhos, de Paulo Bi (poemas de José Paulo Paes), MCD Records; Quero Passear, do Grupo Rumo, Palavra Cantada; Canções dos Direitos das Crianças, diversos artistas, Movieplay.

Desenvolvimento das atividades:

Ouvir canções em roda.

Na primeira atividade, levar o aparelho de som e apresentar para a classe o que escutarão juntos. Contar às crianças que algumas das canções que vão ser ouvidas foram originalmente escritas como poesia. Esse é o caso, por exemplo, das faixas que

compõem o CD A Arca de Noé, cujas letras são de Vinícius de Moraes, que só ganharam o acompanhamento da música muito tempo depois de terem sido criadas.

Ler os poemas, textos ou letras das canções antes e também depois de ouvir a música. Procurar deixar ao alcance das crianças, os livros em que estão os poemas ou textos musicados, para que eles sejam manuseados após a roda de leitura e música, e também em outros momentos do dia.

Ao fim de um período, todos devem saber cantar as músicas aprendidas, e podem cantar com a gravação.

Fazer com que a atividade de escutar canções e poemas musicados seja um momento especial: criar uma aconchegante roda de música, na própria sala de convívio diário, e realizar esse encontro, por exemplo, duas ou três vezes por semana. Depois de conhecidas, as músicas passarão a fazer parte do repertório das crianças, e poderão ser tocadas e ouvidas em outros momentos do dia.

Avaliação:

Quando a atividade envolve música, é importante que o professor não compare as aprendizagens, mas que consiga observar as características de cada criança dentro do grupo. Ao escutar uma canção, elas não manifestam seu prazer e seu interesse da mesma maneira. Nem todas dançam ou batem palmas; algumas preferem se manter atentas, apenas escutando, o que não significa não gostar do que ouvem.

É importante que o professor reconheça as manifestações de prazer e desprazer de seus alunos diante da música. Ele pode organizar rodas de apreciação musical, em que todos conversarão sobre suas músicas preferidas, sobre porque gostam ou não de determinada obra. Com isso em mente, podem ser bons critérios de observação:

- As crianças incorporaram canções apresentadas na roda de música ao seu repertório? Cantam-nas espontaneamente?
- As crianças se interessaram em procurar e localizar os poemas/letras de canções nos livros?
- As crianças pedem, em outros momentos do dia, para que o professor toque as canções que escutaram na roda de música?

5ª atividade – Trabalhando com o nome

Fonte: MIRANDA, C.; RODRIGUES, V. L. **Letramento e Alfabetização Linguística (1º ano)**. São Paulo: Ática, 2011

Introdução: Esta atividade é indicada para crianças menores, assim como esta, existem outras canções que podem ser utilizadas com a finalidade de se praticar o reconhecimento do próprio nome e dos colegas, como: Passe a Bola (folclore brasileiro); Na Chaminé (folclore brasileiro); Se eu fosse um peixinho (folclore brasileiro); Atenção, concentração! (brincadeira folclórica); e várias outras.

Público alvo: 1º ano

Objetivos: Utilizar-se da canção “A CANOA VIROU” para desenvolver uma sequência de atividades com intuito de desenvolver a leitura e a escrita das letras que compõem o nome da criança e de seus colegas.

Desenvolvimento:

Vamos Cantar? Substitua as reticências (...) por nomes.

A CANOA VIROU

*A CANOA VIROU
VOU DEIXÁ-LA VIRAR,
FOI POR CAUSA DE ...
QUE NÃO SOUBE REMAR.*

*SE EU FOSSE UM PEIXINHO,
E SOUBESSE NADAR,
TIRAVA...
DO FUNDO DO MAR.*

Cantiga de Roda Popular.

1- Copie o nome que você deu a cada um nas linhas abaixo:

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

2- Pinte a letra inicial do nome de cada um

3- Escreva a letra inicial de cada nome nas linhas abaixo:

4- Circule essas mesmas letras no alfabeto abaixo:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

5- Copie outra vez, nas linhas abaixo, os nomes dos bonecos. Desta vez, utilize a mesma ordem em que a letra inicial de cada nome aparece no alfabeto.

VOCÊ CONHECE ESSA MÚSICA?

O sapo não lava o pé

Não lava porque não quer

Ele mora lá na lagoa

Não lava o pé

Porque não quer

1- Vamos cantar e brincar? Primeiro cante a música como ela é. Depois, tente falar todas as palavras somente com A. Assim:

A sapa nã lava a pá

Na lava parqua na quar...

2- Que tal trocar a letra A por outra vogal? Cante toda a música só com E, depois só com I, só com O e só com U.

Avaliação: Será feita mediante observação do avanço da criança em suas hipóteses de escrita, se ampliaram o repertório, das relações que podem estabelecer, se podem interpretar a escrita durante e depois de sua produção e se pedem ou fornecem informações ao colega durante a realização das atividades

6ª atividade – Estimulando o aprendizado das letras.

Fonte: ANNUNZIATO, V. R. **Apostila Jogando com os sons e brincando com a música II: Interagindo com a arte musical.** São Paulo: Paulinas, 2003.

Introdução: As crianças que estão se alfabetizando podem aprender muitas coisas a partir de um trabalho intencional com músicas, estimulando a memorização das letras.

Público alvo: Crianças no início da alfabetização.

Objetivos: Atividades com objetivo de estimular na criança o interesse pela música, além de utilizar a música como recurso incentivador à introdução de diversos conteúdos: reconhecimento das letras e formação dos sons silábicos.

Desenvolvimento:

- 1- As crianças formam um círculo, sentadas.
- 2- O professor mostra cartões com os nomes de animais a todas elas.
- 3- As crianças seguem cantando, substituindo na música o nome e o som do animal contido na gravura apresentada.

Caminhando

(folclore brasileiro)

(Melodia: “Atirei o pau no gato”)

Adaptação: Vania Ranucci Annunziato

Quando eu ia caminhando-do

Encontrei-ei-ei

Um cachorrinho-nho

Ele fazia-ia

Bem assim, assim

Au, au, au

Au, au, au

Au, au, au, au

Au, au!

Desenvolvimento: As crianças permanecem em roda, a professora deverá fazer a introdução das canções e as crianças irão acompanhá-la conforme forem se familiarizando com a canção.

Letra a
(folclore brasileiro)
(Melodia: “Passarás, não passarás”)

Adaptação: Vania Ranucci Annunziato

*A arara diz que sabe
Escrever a letra a
Redondinha e de perninha
É assim a letra a
A, a, a, a, a, a
É assim a letra a*

Letra i
(folclore brasileiro)
(Melodia “Ciranda, cirandinha”)

Adaptação: Vania Ranucci Annunziato

*O i é uma letrinha
Muito fácil de traçar
Sobe e desce uma curvinha
E depois é só pingar*

Letra e
(folclore brasileiro)
(Melodia “Um elefante”)

Adaptação: Vania Ranucci Annunziato

*A letra e
É muito engraçada
Está sem pé
Com as perninhas cruzadas*

Letra o
(folclore brasileiro)
(Melodia: “Se essa rua fosse minha”)

Adaptação: Vania Ranucci Annunziato

*Eu já sei, eu já sei
Fazer o ô
Redondinho de boné
Igual vovô
Eu já sei, eu já sei
Não vou errar
E o vovô com certeza
Vai gostar*

Letra u
(folclore brasileiro)
(Melodia: “Ciranda, cirandinha”)

Adaptação: Vania Ranucci Annunziato

*Sobe, desce uma curvinha
Sobe, desce outra vez
O u já está prontinho
Vou mostrar para vocês*

Avaliação: Registre suas observações sobre a participação dos pequenos: quais foram as suas impressões sobre a atividade, se eles conseguiram fazer a ligação entre as vogais e o valor sonoro. Anote também quais foram as suas intervenções mais importantes para a orientação da turma.